

por Manoela Maria Valério

RISCO

Uma queda e começa outra história.

Mas e esse sabor... de onde vem?

O circo para, ainda que parar possa ser apenas um estado do movimento. Uma pausa. Um repouso após a queda. Um pedaço do tempo.

Ele remonta agora, em cansaço, alguns cacos daquilo que em seu corpo habitava. Mas aquilo era o que? Era quem? Uma multidão solitária, uma artista, uma história que são tantas... Talvez nenhuma.

Ele, o circo:

-Depois da morte é o que mesmo? Como é essa história de depois de agora?

-Não vamos conseguir sem ela!

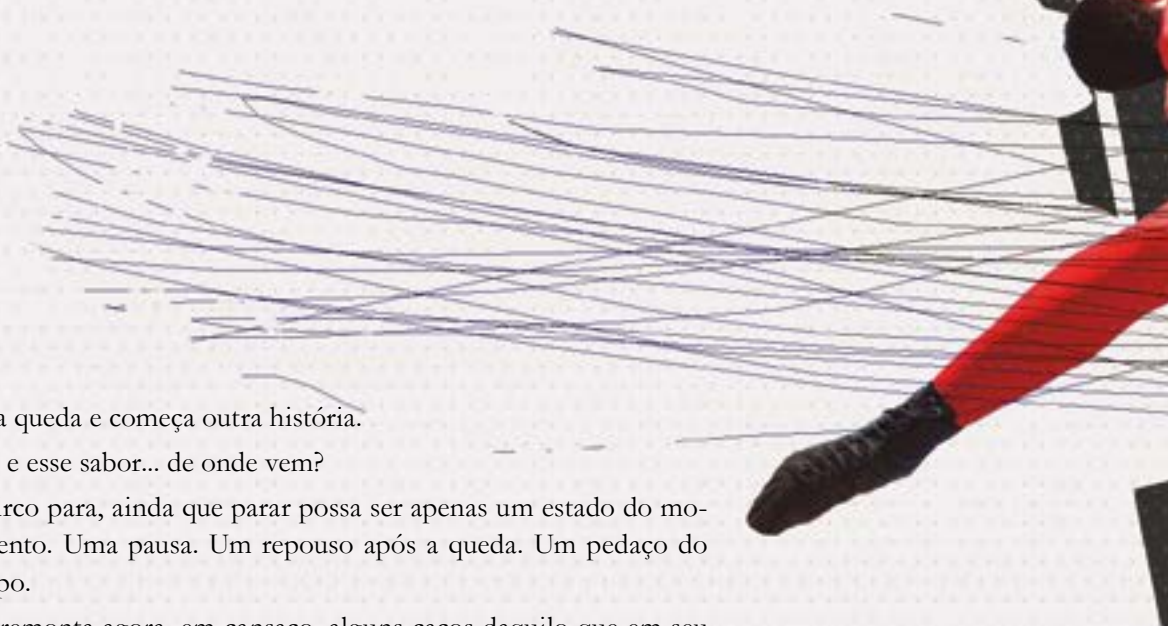
Mas... não faz sentido, já que um agora lhe habita a presença absoluta...parece até que a vida continua depois que...

(...)

Ela acorda numa dessas manhãs com um sonho no gosto da boca, sem saliva ou música. Um sobressalto claro como se entendesse: é inevitável.

Foi-se o dia em sonho, uma mulher sem rosto. A mais linda do circo – era o que inventava para si para ter uma alegria. Uma trapezista vestida num figurino vermelho, fulgurante, destas bruxas que enfeitiçam o público.

Ela sobe e dança na energia da lona. Abraça a corda, a barra do ferro puro. O público treme em silêncio nos volteios do balanço circense. E salta, e dança, e brinca.





A artista, então, inicia a preparação para o grande final.

Inspira todo o ar que lhe cabe e solta lentamente pelos lábios minimamente abertos... Está tão leve que o estômago gela. De pé sobre a barra segura nas cordas paralelas e impulsiona com tamanha força que o corpo todo toca o céu do circo. E a lona inteira vibra como a pedra quando lançada sobre a água.

Vai fazer a queda que é rara e a mais bela.

Num lampejo que dura a duração menor do mundo ela erra. E erra como se fosse um sonho do qual pudesse acordar aliviada. Ela erra. Ela era.

Nos segundos que pertenciam ao espaço entre o trapézio e o picadeiro sente o calafrio mais quente que lhe era irreconhecível. A queda de uma lágrima no rosto brota ao tempo em que ela escorre rumo ao chão.

Do silêncio faz-se um ruído em unísono sufocado do público na orla fúnebre. Emudecido como num cortejo. Era vida. Era morte. Eram dribles.

E aquela noite encerra, dorme o circo que despertou noutra cidade... após o estranho sabor de um espetáculo forjado na morte.



(Trecho de Passagens Circenses, dissertação de mestrado, UFF/RJ, 2007)

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista/SP, Mestre e doutoranda em Psicologia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense/RJ. Possui cursos e formações em artes cênicas. Sócia-fundadora, no ano de 2001, e integrante da CIRCUS – Circuito de Interação de Redes Sociais até 2012, participando da gestão da instituição, projetos e eventos sociais, artísticos e culturais. Atua na área de docência e clínica.